

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v33n2e26410>

A sexualidade na experiência de adolescentes gordos(as): análise de relatos de universitários(as)

Sexuality in the experience of fat adolescents: analysis of university students reports

La sexualidad en la experiencia de adolescentes gordos: análisis de relatos de estudiantes universitarios

Ana Cláudia Bortolozzi

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4796-5451>

Tamires Giorgetti Costa

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8017-6940>

Resumo: A sexualidade humana é construída socialmente, influenciada por padrões normativos, que estigmatizam corpos desviantes. Esta pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, investigou o relato sobre a vivência da sexualidade de 23 mulheres e 19 homens, entre 18 e 25 anos, autodeclarados(as) como gordos(as) no período da adolescência. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação online de um questionário com perguntas fechadas e semiabertas e a análise das respostas fechadas foram quantificadas numericamente e demais categorizadas a partir da sistematização proposta por L. Bardin. Os resultados foram descritos em dois eixos temáticos: (1) Experiências de ser um(a) adolescente gordo(a) e (2) Vivências da sexualidade como um(a) adolescente gordo(a). Os(as) participantes citaram a “preguiça” como o estereótipo mais relacionado às pessoas gordas e o corpo gordo como uma influência negativa na vivência da sexualidade. Perceberam-se como gordos(as) quando comparados(as) aos padrões vigentes de estética e beleza e relataram insatisfação com o próprio corpo. Um pequeno grupo destacou que as vivências sexuais foram desagradáveis na adolescência; outros(as) avaliaram as primeiras experiências amorosas como “neutras” e “prazerosas”. Os sentimentos que prevaleceram foram a “insegurança”, “vergonha” e “negação” ao próprio corpo. Os(as) jovens também vivenciaram situações de preconceito e gordofobia, além de enfrentarem sozinhos(as) as dificuldades. Conclui-se que muitos(as) jovens gordos(as) não tiveram apoio social na adolescência e o corpo gordo interferiu na percepção sobre si e nas relações em geral. Recomenda-se novos estudos abrangendo outras variáveis.

Palavras-chave: corpo gordo; sexualidade; adolescência.

Abstract: Human sexuality is a broad concept socially constructed; it is influenced by normative patterns that stigmatize deviant bodies. This study is a qualitative, descriptive, and exploratory investigation on the sexual experience of 23 women and 19 men, aged 18 to 25 years, who self-described as being fat during their adolescence. Data collection was carried out using an online questionnaire composed of closed-ended and semi-open questions. The responses to the closed-ended questions were quantified numerically, and the remaining responses were categorized using the L. Bardin systematization. The results were described along two thematic axes: (1) Experience as a fat adolescent and (2) Sexuality Experience as a fat adolescent. Participants cited "laziness" as the stereotype that was mostly associated with fat individuals and the fat body was reported as having a negative influence on the sexuality experience. The fat individuals perceived themselves as fat when taking into account the current aesthetic and beauty standards; they also reported dissatisfaction with their own bodies. A small



Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

group highlighted that sexual experience had been unpleasant during adolescence; others rated their first romantic experiences as "neutral" and "pleasurable." The feelings that prevailed were "insecurity," "shame," and "denial" of their own bodies. The youngsters also experienced situations of prejudice and fatphobia and had to face the difficulties in this connection on their own. It is concluded that many fat young people did not receive social support in their adolescence, and their fat body interfered with their self-perception and their relationships in general. Further studies encompassing other variables are suggested.

Keywords: fat body; sexuality; adolescence.

Resumen: La sexualidad humana es una construcción social, influenciada por patrones normativos que estigmatizan los cuerpos desviados. Esta investigación cualitativa, descriptiva y exploratoria investigó los relatos de experiencias sexuales de 23 mujeres y 19 hombres, de 18 a 25 años, que se autoidentificaron como gordos durante la adolescencia. La recolección de datos se realizó mediante la aplicación en línea de un cuestionario con preguntas cerradas y semiabiertas. Las primeras se cuantificaron numéricamente y las respuestas restantes se categorizaron utilizando la sistematización propuesta por L. Bardin. Los resultados se describieron en torno a dos ejes temáticos: (1) Experiencias de ser un adolescente gordo y (2) Experiencias de la Sexualidad como un adolescente gordo. Los participantes citaron la "pereza" como el estereotipo más asociado con las personas gordas y el cuerpo gordo como una influencia negativa en la sexualidad. Se percibían como gordos en comparación con los estándares estéticos y de belleza actuales y reportaron insatisfacción con sus propios cuerpos. Un pequeño grupo destacó que las experiencias sexuales fueron desagradables durante la adolescencia; Otros calificaron sus primeras experiencias románticas como "neutrales" y "placenteras". Los sentimientos predominantes fueron la "inseguridad", "vergüenza" y la "negación" de su propio cuerpo. Los jóvenes también experimentaron situaciones de prejuicio y gordofobia, además de afrontar las dificultades solos. Se concluye que muchos jóvenes gordos no contaron con apoyo social durante la adolescencia, y que el cuerpo gordo interfirió en su percepción de sí y de sus relaciones en general. Recomiendan estudios adicionales que abarquen otras variables.

Palabras clave: cuerpo gordo; sexualidad; adolescencia.

1 Introdução

A adolescência pode ser caracterizada como um processo transitório, marcado pela passagem da infância para a vida adulta. Diferentes perspectivas consideraram o período uma "fase", a ela atribuem estereótipos de rebeldia, como também, reduzem o amadurecimento biológico e a possibilidade de reprodução enquanto únicos eventos relevantes, desconsiderando a importante influência do contexto social (Bock, 2007; Ozella, 2002; Senna; Dessen, 2012). Assim, para além dos aspectos que envolvem as mudanças físicas e maturacionais decorrentes do processo natural da puberdade, a adolescência pode ser definida como uma construção histórica e social (Papalia; Martorell, 2022).

Compreende-se que a adolescência não é um momento da vida universal que será experienciado igualmente por todas as pessoas, mas sim que somada a outras intersecções, características e situações, pode tornar sujeitos mais propensos a vivenciarem processos de exclusão, opressão e estigma. O processo de construção da identidade ocorre por meio da interação social e da percepção de si, do outro e do grupo de convivência. É nesse momento que se estabelecem as primeiras

experiências em relacionamentos amorosos e sexuais (Costa; Bortolozzi, 2022; Papalia; Martorell, 2022).

No contexto da iniciação sexual, o não uso de preservativo, a gravidez não planejada, o abuso de substâncias psicoativas e a falta de uma educação sexual emancipatória, são fatores que podem tornar os(as) jovens mais suscetíveis a comportamentos sexuais de risco (Oliveira *et al.*, 2024). A pesquisa de Lima *et al.* (2019) examinou a prevalência de comportamentos sexuais de risco em adolescentes com “sobrepeso” e “obesidade”, no entanto, não foi possível estabelecer relações com este grupo. Este dado corrobora com o que é verificado por Oliveira *et al.* (2024), os quais elucidam que a satisfação com o próprio corpo contribui significativamente com as chances de vivências sexuais arriscadas e desprotegidas. Visto que os(as) adolescentes declarados(as) como gordos(as) são os(as) que apresentam menores índices de risco nos processos que envolvem a iniciação da prática sexual.

Hattori, Castro e Lopes (2013) analisaram os traços considerados importantes para adolescentes no processo de escolha de parceiros(as) afetivos-sexuais. O estudo contou com uma amostra de 467 estudantes brasileiros e os resultados indicaram semelhanças entre os gêneros na valorização dos “traços físicos”, “hábitos de saúde” e “humor”; algumas diferenças também foram observadas, como a valorização dos adolescentes meninos pelo físico, enquanto as meninas consideravam mais importantes as características subjetivas e comportamentais.

Ortiz-Hernandez *et al.* (2023) entrevistaram 26 adolescentes estudantes de escolas públicas e privadas, com objetivo de investigar os estereótipos relacionados ao peso. Os dados evidenciaram a percepção dos(as) adolescentes sobre o que consideravam saudável, atraente e desejável, para as meninas o corpo ideal feminino seria o “esbelto”, curvilíneo e com seios aparentes; para os meninos o ideal de beleza masculino estaria associado ao corpo musculoso e definido. Comentários negativos foram atribuídos aos corpos gordos, que são pessoas preguiçosas, não se cuidam, comem muito mal, não são saudáveis, pouco atraentes, deprimidas, não conseguem parceiros românticos e parecem engraçados. Tanto o corpo gordo, quanto a extrema magreza foram associados como não saudáveis e não correspondentes aos ideais de beleza.

Black *et al.* (2025) destacaram as representações sociais de adolescentes sobre o corpo e como os estudos discutem a temática dos corpos negros. De modo

geral, foi constatado que a questão racial é pouco discutida e, quando mencionada, está presente nos discursos que abordam a insatisfação corporal em oposição ao belo, o qual é representado pelo corpo branco, magro e esbelto. A aparência física e a estrutura de um corpo “padrão” são apontados como mais valorizados pelos(as) adolescentes, que buscam conquistar o corpo “mais desejado”.

Diante dos estudos citados (Black *et al.*, 2025; Hattori; Castro; Lopes, 2013; Oliveira *et al.*, 2024; Ortiz-Hernandez *et al.*, 2023) é possível refletir que a estética e aparência física são importantes para os(as) adolescentes no processo de escolha afetiva, sendo aqueles(as) considerados atraentes mais valorizados, desejados e escolhidos como possíveis parceiros sexuais e românticos. Adolescentes que não correspondem ao que é apresentado como “padrão de beleza” estão mais sujeitos(as) a vivenciarem essa exclusão.

Na cultura ocidental os ideais normativos foram construídos, sequenciados pela supremacia de alguns grupos, como, por exemplo, os brancos, fortes, ricos, não deficiente, etc. Dessa forma, os padrões normativos influenciaram a maneira que um determinado grupo, corpo ou sujeito considerado desviante, é visto e interpretado pela cultura (Bozon, 2004; Costa; Bortolozzi, 2022). O conceito de estigma cunhado por Goffman (1963/1988) sinaliza como indivíduos que não correspondem aos padrões vigentes carregam uma “marca social”, coberta por diferenças e desvios. Em certa medida, o estigma pode ser observado como uma condição social de desajuste e descrédito, utilizado como instrumento de controle social (Bortolozzi, 2021).

Quando se relaciona a vivência da sexualidade a pessoas que cresceram gordas, entende-se que a gordura pode tornar mais complexa a transição da infância para a vida adulta. Neste manuscrito, utilizou-se as terminologias “corpo gordo” e “pessoa gorda”, a partir do pressuposto crítico que busca despatologizar corpos estigmatizados pela “obesidade” e desconstruir o peso como medida classificatória para corpos saudáveis e não saudáveis. Esta visão é compartilhada por autoras como Jimenez-Jimenez e Silva (2021), Rangel (2018) e Paim, Kovaleski e Selau (2024), que demonstram em suas pesquisas as consequências da discriminação, preconceito e exclusão vivenciados por este público, concepção teórica na qual alicerçou-se o estado da arte da temática estudada.

Jimenez-Jimenez e Silva (2021) compreendem que as discussões sobre gordofobia abarcam outros questionamentos, como o controle dos corpos femininos,

consciência sobre as opressões vivenciadas desde a infância e falta de acesso aos serviços de saúde e aos espaços públicos. Entende-se que a exclusão vivenciada por “ser diferente” também pode acarretar consequências nas experiências afetivas e sexuais, já que os corpos gordos não são socialmente desejáveis ou símbolos de prazer (Jimenez-Jimenez; Silva, 2021).

Pessoas gordas são responsabilizadas moralmente pelo “excesso de gordura” e descuido com a própria saúde. A mídia e a contemporaneidade exploram e reproduzem padrões de estética “ideais”, aquele(a) que desvia não é representado(a) nesse imaginário de beleza e normalidade, mas sim enquadrado(a) como patologia e doença (Bortolozzi, 2021; Jimenez-Jimenez; Silva, 2021). Especialmente as mulheres, são submetidas aos ideais de beleza, que frequentemente são associados ao corpo magro, enquanto padrão a ser seguido para conquistar o corpo ideal-perfeito, a saúde e ser valorizada na qualidade de potencial consumidora da indústria da beleza (Hessel; Furtado, 2019).

Estudos sugerem que crianças e adolescentes considerados “obesos” são alvos de práticas de *bullying* e vivenciam impactos em sua saúde mental, destacando os quadros de ansiedade, depressão e isolamento social (Dias *et al.*, 2024; Forster *et al.*, 2023; Rodrigues *et al.*, 2021). Em revisão sistemática da literatura, Maury Mena *et al.* (2025) pontuam a necessidade de ações preventivas no contexto escolar, com a finalidade de prevenir e minimizar os danos causados à imagem corporal de crianças que vivenciaram o “estigma do peso” em seu processo de desenvolvimento psicológico e social.

A gordofobia vivenciada por pessoas gordas é caracterizada como uma prática preconceituosa, revelada por meio do ódio ou da aversão às pessoas que não correspondem ao corpo socialmente construído como saudável, belo e desejável, conseqüentemente, surge como principal causa do sofrimento psíquico e evitação de situações promotoras de saúde e qualidade de vida. Entretanto, o peso não é um indicativo de saúde, mas os sistemas que envolvem os sujeitos de forma integral, tais como os hábitos diários que promovem acesso, autocuidado e bem-estar (Araújo *et al.*, 2018; Bombak, 2014; Rubino *et al.*, 2020). Pearl e Sheynblyum (2025) esclarecem que os profissionais da saúde reproduzem situações discriminatórias em relação ao peso, o que gera maior evitação e menor procura aos atendimentos de saúde.

Em muitos casos, a cirurgia bariátrica é colocada como alternativa para alcançar o corpo desejado, aumentar a autoestima, melhorar a imagem corporal e os relacionamentos sociais e sexuais (Granero-Molina *et al.*, 2024). Franco, Vieira e Oliveira (2022) destacam que, por trás do sonho de pertencer a um “padrão de beleza”, existem aspectos subjetivos e sofrimentos que motivam a procura pela intervenção cirúrgica. Ao analisarem as experiências de um grupo de mulheres em acompanhamento pré-cirúrgico, as autoras esclarecem que a gordura é o principal motivo de infelicidade tornando-se um obstáculo para performar feminilidade, beleza e despertar desejo por parte dos parceiros (Franco; Vieira; Oliveira, 2022).

Nessa direção, Zanello, Richwin e Birck (2024, p.13) indicam diferenças entre os gêneros, nos relatos sobre a vivência amorosa e sexual de mulheres gordas descrevem experiências de “[...] ser escondida, fetichizada como mero objeto sexual que deve ser usado em horários impróprios de forma a fugir dos olhares alheios”. Muitas mulheres “aproveitaram” da fetichização como única oportunidade para o envolvimento sexual, já os relatos dos homens gordos sobressaíram falas de que “[...] a gordidade¹ não atrapalha em nada suas vidas amorosas e o acesso sexual a mulheres [...]” (Zanello; Richwin; Birck, 2024, p. 18).

Nota-se que as mulheres gordas são mais propensas a vivenciarem o preterimento afetivo, objetificação e a fetichização de seus corpos (Franco; Vieira; Oliveira, 2022; Jimenez-Jimenez; Silva, 2021; Zanello; Richwin; Birck, 2024). É importante considerar que outros marcadores sociais como raça, classe, orientação sexual, geração, deficiência, nacionalidade, entre outros, podem intensificar sofrimentos.

As opressões de gênero, o racismo e a gordofobia se interseccionam na medida em que seus engendramentos históricos e a herança escravocrata objetificam mulheres negras e as classificam como “o outro” (Collins, 2019). Ao mesmo tempo, são fetichizadas e assumem a representação colonialista da negra como “fogosa” e “incontrolável sexualmente”. Homens negros, por sua vez, também vivenciam o que Collins (2019, p.304) nomeia como o “mito da hipersexualidade negra”, segundo a qual: “[...] ser branco marca a categoria normal da heterossexualidade. Em contraste,

¹ As autoras explicam que o termo gordidade refere-se à vivência singular de pessoas gordas em uma sociedade gordofóbica (Zanello; Richwin; Birck, 2024).

ser negro indica a hiper-heterossexualidade desenfreada e descontrolada do apetite sexual excessivo” (Collins, 2019, p. 304).

Além disso, o privilégio da branquitude aproxima algumas mulheres de um padrão mais aceito, mesmo que o formato de seu corpo se distancie do magro (Silva; Jimenez-Jimenez; Souza, 2024). Mulheres negras, quando comparadas com as brancas, vivenciam maior preterimento e solidão afetiva (Collins, 2019). Ademais, ao considerara vivência de um corpo negro e gordo, constata-se que as situações de violência, preconceito e exclusão são potencializadas (Carniel; Diercks; Jung, 2023; Silva; Jimenez-Jimenez; Souza, 2024).

Se não é apenas o desejo sexual que contribui nas escolhas de um(a) parceiro(a) para o estabelecimento da relação, mas também o quanto esse corpo irá fornecer prestígio social, evidencia-se que o corpo gordo não atinge aos requisitos para fazer parte do “mercado amoroso” (Costa; Bortolozzi, 2022; Jimenez-Jimenez, 2021; Vasconcelos; Sudo; Sudo, 2004) e lidar com um corpo entendido como diferente, pode gerar sofrimentos durante o período da adolescência, principalmente quando há vivência de opressões, *bullying*, violências e gordofobia.

Há uma vasta literatura relacionada às vivências de pessoas gordas, muitas pesquisas debruçaram-se sobre os impactos da “obesidade” em crianças e adolescentes (Dias *et al.*, 2024; Fortes *et al.*, 2023; Rodrigues *et al.*, 2021). Nesse sentido, alguns estudos aprofundaram-se sobre a percepção de adolescentes sobre os corpos considerados “fora do padrão”, o que consideram desejável, valoroso e belo; e as repercussões negativas na autoimagem e autoestima durante o desenvolvimento humano (Hattori; Castro; Lopes, 2013; Ortiz-Hernandez *et al.*, 2023; Black *et al.*, 2025).

Outrossim, pesquisas recentes dedicaram-se a compreender de forma crítica a experiência da sexualidade entre as mulheres gordas (Jimenez-Jimenez; Silva, 2021; Silva; Jimenez-Jimenez; Souza, 2024; Zanello; Richwin; Birck, 2024). Sob esse viés, compreende-se que os achados contribuem significativamente com esta investigação, uma vez que há uma lacuna na literatura sobre a vivência da sexualidade de adolescentes gordos(as). Tal análise tem como perspectiva relatos de jovens universitários(as) que cresceram, deixando de ser ou permanecendo

gordos(as). Diante do exposto, esta pesquisa descritiva e exploratória² (Bortolozzi, 2024; Hernández Sampieri; Fernández Collado; Baptista Lucio, 2006) teve por objetivo investigar as experiências de ser um(a) adolescente gordo(a) e suas vivências da sexualidade, a partir do relato de jovens universitários(as).

2 Abordagem metodológica

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética de uma universidade pública realizada mediante sua aprovação³. Todos os cuidados éticos em pesquisas com seres humanos foram respeitados e os(as) participantes tiveram seus direitos de anonimato preservados, desistência de participação, esclarecimentos sobre os objetivos e método antes de sua anuência, bem como seu livre consentimento para a participação. Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi redigido, disponibilizado à leitura e registrado como um documento de aceite, no qual o(a) participante que concordasse voluntariamente deveria assinalar a opção “sim” para ter acesso ao questionário, confirmando sua anuência e podendo, a qualquer momento, desistir da pesquisa, sem ônus ou prejuízos.

Participaram 42 estudantes universitários(as), 23 mulheres e 19 homens, com idades variando entre 19 e 23 anos. Quanto à autoidentificação racial, 30 jovens declararam-se brancos, 9 como pardos ou mestiços, 2 pessoas como pretas ou negras e 1 pessoa como amarela, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 — Caracterização dos(as) participantes

Cor	Branca		Parda/mestiça		Preta/negra		Amarela	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Homens	14	33,3%	2	4,7%	2	4,7%	0	0%
Mulheres	16	38,1%	7	16,6%	0	0%	1	2,4%
Total	30	71,4%	9	21,4%	2	4,7%	1	2,4%

Fonte: As autoras (2026).

O recorte específico do público universitário para participação do estudo objetivou abordar a percepção da população jovem e padronizar a variável do contexto educacional. Houve a preferência por participantes que se lembrem com maior precisão das mudanças ocasionadas em seus corpos durante a puberdade, como

² Pesquisa de Iniciação Científica, com o apoio CNPq. Agradecimentos à participação de Daniel de Medeiros Gaiotto na coleta de dados.

³ Projeto cadastrado na Plataforma Brasil. Aprovação Parecer: 3.391.313.

também os aspectos sociais que englobam a adolescência, os quais, ainda, podem repercutir em suas vivências.

Nesse sentido, a amostra é intencional e de conveniência pela facilidade de acesso ao público universitário que atende ao critério de inclusão do estudo: jovens universitários(as). Apesar desta amostra ser não-probabilística e limitar-se a uma região geográfica, sem representatividade, esse tipo de recrutamento garante a uniformidade contextual e uma coleta de dados mais rápida (Shaughnessy; Zechmeister; Zechmeister, 2012).

No grupo de 42 jovens, 29(69%) indicaram estudar em uma universidade pública, enquanto 13 (30,9%) em uma universidade privada. Quanto aos cursos desses(as) participantes(as), estavam distribuídos da seguinte forma:

Tabela 2 — Caracterização dos(as) participantes do estudo quanto à área do Curso

Área do curso	Humanas (Psicologia, Pedagogia, Direito etc.)		Biológicas (Medicina, Educação Física, Biologia)		Exatas (Física, Computação, Informática)		Comunicação (Rádio e TV, Relações Públicas, Design)	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Homens	9	21,4%	3	7,1%	5	12%	2	4,7%
Mulheres	18	42,8%	3	7,1%	0	0%	2	4,7%
Total	27	64,3%	6	14,3%	5	12%	4	9,5%

Fonte: As autoras (2026).

Todos(as) os(as) participantes estavam matriculados(as) em universidades localizadas no interior do Estado de São Paulo. A maioria, 90,5% cursava o ensino superior na cidade de Bauru, enquanto 9,5% distribuíram-se entre as cidades de Botucatu (2,4%), Jaú (2,4%), Assis (2,4%) e São José do Rio Preto (2,4%).

Para a coleta de dados, elaborou-se um questionário com questões fechadas e semiabertas, a partir de eixos temáticos, de modo a contemplar as perguntas para atender os objetivos previstos. Abaixo as informações foram sintetizadas no Quadro 1:

Quadro 1 — Eixos temáticos de investigação e objetivos das questões

Eixos	Objetivos
Eixo 1: Dados pessoais	Caracterizar o(a) participante.
Eixo 2: Autoimagem	Identificar o que faz a pessoa se identificar como gorda e porque emagreceu (ou não) e como.

Eixo 3: Estigma e preconceito	Identificar percepções e experiências de discriminação associadas a ser gordo(a), seja na família, na escola, em serviços de saúde, em situações de lazer ou outros locais, bem como sentimentos e ações decorrentes disso.
Eixo 4: Corpo gordo e Sexualidade	Investigar vivências afetivas e sexuais pregressas e atuais, além de analisar se há no discurso conexão entre relações afetivas e sexuais com o corpo gordo.
Eixo 5: Enfrentamento diante de dificuldades	Avaliar o repertório pessoal e/ou suporte social para o enfrentamento de dificuldades relacionadas à vivência do corpo gordo e da sexualidade.

Fonte: As autoras (2026).

O questionário foi testado em sua funcionalidade, em uma situação piloto com dois participantes similares para aperfeiçoamentos necessários e poucas mudanças foram necessárias, tais como: inserir a opção de resposta médicos em “Profissionais da saúde” e acrescentar outras questões: “Você se sentiu confortável em responder às questões?” e “Gostaria de propor algo para uma pessoa que viveu o mesmo que você?”. Em suma, a versão final do instrumental foi organizada no Google Formulários e a coleta de dados ocorreu *online*. Utilizaram-se as redes sociais *Facebook* e *Instagram* para divulgação da pesquisa, assim potenciais participantes puderam compartilhar e indicar outros(as) universitários(as), técnica nomeada como “bola de neve” (Bortolozzi, 2024; Vinuto, 2014).

Estimou-se o prazo de 3 meses para a coleta de dados, de modo que o convite para a participação ficou disponível nos meses de agosto, setembro e outubro de 2019. A coleta online reuniu 43 respondentes; um questionário foi excluído, em razão da presença de deboches e sátiras dirigidas a pessoas gordas, o que indicou o desinteresse do(a) participante pelo estudo. Por fim, a amostra final resultou, portanto, em 42 participantes indicados(as) pela letra maiúscula “P” seguida do numeral cardinal sequencial.

Os dados foram analisados por meio de uma abordagem quanti-qualitativa. Inicialmente, as respostas objetivas foram organizadas e tabuladas utilizando-se a estatística não paramétrica. A seguir, analisou-se as respostas das questões semiabertas, isto é, os dados qualitativos foram lidos na íntegra, exaustivamente, agrupados em categorias temáticas definidas *a posteriori* conforme a proposta metodológica descrita por Bardin (2020). Durante a análise, emergiram categorias relacionadas à experiência de ser um(a) adolescente gordo(a) e os impactos na vivência da sexualidade.

Os resultados foram analisados a partir de dois eixos temáticos que resultaram em diferentes categorias. Essa organização encontra-se no Quadro 2.

Quadro 2 — Eixos temáticos e categorias

EIXOS TEMÁTICOS	CATEGORIAS
Experiências de ser adolescente gordo(a)	Sentimentos ruins relacionados ao corpo gordo.
	Relação com o próprio corpo e a influência social: discriminação, <i>bullying</i> e preconceito.
	Influência de padrões de magreza e estética.
A vivência da sexualidade como um(a) adolescente gordo(a)	Corpo que foge ao padrão estético e não é desejável sexualmente.
	Corpo discriminado socialmente e não atrativo: repercussões que levam a uma sexualidade reprimida.
	Corpo que gera insegurança e baixa autoestima impedindo o estabelecimento de relacionamentos afetivos/sexuais.

Fonte: As autoras (2026).

3 Experiências de ser um(a) adolescente gordo(a)

Os(as) participantes assinalaram adjetivos que consideravam serem atribuídos à pessoa gorda durante a adolescência. Os estereótipos mais associados foram o da “preguiça” (85,7%), “fofinho” (64,3%), “engraçado”(61,9%), “amigável” (38,1%), “lerdo” (35,7%), “inteligente” (14,3%), “chato” (7,1%), “mal humorado” (4,8%) e “feio” (4,8%). Na categoria “outros” destacaram as características “não saudável”, “fortinho”, “sujo”, “idiota” e “doente”.

Os resultados assemelham-se aos achados de Lima, Ramos-Oliveira, Barbosa (2017) e Ortiz-Hernandez *et al.* (2023), sendo os principais estereótipos relacionados às pessoas gordas os da “preguiça”, “falta de força de vontade”, “descuido com a saúde” e “não atraentes” motivos os quais, de certa forma, responsabiliza a pessoa gorda pelo excesso de peso, desconsiderando outras variáveis como os fatores genéticos e a ausência de ambientes que promovam qualidade de vida, inclusão aos diferentes corpos e saúde integral (Bombak, 2014; Rubino *et al.*, 2020; Pearl; Sheinblyum, 2025). Além disso, características como “ser mulher” (83,3%), “ser LGBTQIAPN+”(76,2%), “ser negro” (73,8%), “ser pobre” (66,7%) e “ser baixo” (35,7%) foram apontados como condições que podem contribuir

desfavoravelmente para a vivência da sexualidade, quando somadas a um corpo gordo.

Considera-se que intersecções como gênero, raça, classe e orientação sexual contribuem com a experiência de ser um(a) adolescente gordo(a), inferindo de formas distintas na vivência da sexualidade (Carniel; Diercks; Jung, 2023; Costa; Bortolozzi, 2022; Silva; Jimenez-Jimenez; Souza, 2024). Costa e Bortolozzi (2022, p.79-80) sinalizam que “Os sujeitos considerados fora da norma vivenciam dupla repressão, pois são estigmatizados, marginalizados, oprimidos, sofrem violências e preconceitos, dificultando ainda mais o processo de expressão de sua sexualidade”.

Em relação à percepção pessoal do corpo gordo, os(as) participantes indicaram que passaram a se perceber como “gordos(as)” a partir de padrões pessoais (76,2%) e da comparação com grupos de convivência, especialmente os amigos (71,4%). Além disso, essa percepção também foi influenciada pela indicação de familiares durante a infância e adolescência (64,3%) e pelo diagnóstico médico de obesidade (59,5%).

Os sentimentos mais relatados como vividos durante a adolescência foram a negação ao próprio corpo, vergonha, infelicidade, insegurança e decepção. Souza e Gonçalves (2023) também destacam a prevalência de sentimentos como tristeza, inferioridade, baixa autoestima, vergonha e culpa na experiência de adolescentes gordos. Os relatos exemplificam:

Os sentimentos em geral em relação ao meu corpo eram de vergonha, e de não aceitação. Durante muito tempo lutei contra meu peso de diversas formas e nunca obtive um resultado aceitável, e devido a minha vergonha em relação a isso sempre tentei esconder meu corpo de diversas formas (casacos, postura torta, entre outros (P6, 2019).

Não gostava do que via no espelho, era insatisfeita, decepcionada comigo mesma por não poder ‘ter um corpo melhor’, totalmente insegura em todas as áreas da vida, tinha vergonha das minhas roupas, mas eu era determinada a mudar a situação (P8, 2019).

Alguns jovens ressaltaram sofrer *bullying* durante a infância e adolescência, um participante se sentia muito mais afetado e relacionou essa ocorrência pela performance de gênero considerada “afeminada”: “Durante a infância e adolescência, sofri preconceitos e *bullying* em decorrência de ser gordo e, ainda por cima, mais afeminado. Isso afetou minha autoestima e confiança em mim mesmo” (P4, 2019). Consequências psíquicas associadas ao *bullying* foram evidenciadas nas pesquisas

de Dias *et al.* (2024), Forster *et al.*, (2023), Rodrigues *et al.* (2021) e Maury Mena *et al.* (2025).

Comparações aconteceram nesse período, como a de não possuir o mesmo corpo que as outras adolescentes consideradas magras, e ter uma imagem representada como “a mais feia do grupo” ou “a menina feia da rodinha de amigas bonitas”. Inclusive, a família retribuía com reprovação e controle da alimentação, uma participante destacou que sua mãe repetia que ela seria a “menina gorda e sozinha”:

Não se encaixar ao padrão de corpos de outras adolescentes, era algo que trazia muita coisa negativa em diversos âmbitos, em casa sempre sob olhares e falas mostrando a necessidade de comer menos, e principalmente nos quesitos amorosos na escola, onde, por ter um peso maior que as amigas, era vista como a mais feia do grupo (P15, 2019).

As pessoas não conversavam comigo e grande parte do tempo eu ficava sozinha. Apenas se aproximavam aqueles que viam que podiam tirar algum proveito pelo fato de eu ser boazinha. Além disso, gostava de ajudar as pessoas com as dificuldades na escola, mas no fim percebi que todas minhas amizades giravam em torno disso. Minha imagem sempre foi associada à menina feia da rodinha de amigas bonitas. Minha mãe sempre falava que eu seria essa menina gorda e sozinha. Mais tarde, aos 13 anos, comecei a evitar de comer nos intervalos e fazer vários exercícios durante a semana. Eu praticamente passava o dia todo na academia (natação, aeróbica e musculação - todos esses juntos). Eu tinha vergonha de ser eu (P9, 2019).

Percebe-se que a imagem pessoal de si, foi construída pelas noções de “diferença”, influenciados pelo discurso médico e os padrões normativos vinculados a instâncias sociais como a família e a escola (Bortolozzi, 2021; Jimenez-Jimenez; Silva, 2021; Hessel; Furtado, 2019). Entretanto, são esses contextos, também, que podem exercer importante papel tanto na desconstrução de preconceitos, quanto na reprodução da gordofobia. Souza e Gonçalves (2023) sinalizam que adolescentes se sentem mais confortáveis em dialogar sobre o assunto no contexto escolar, evitando falar sobre preconceito e gordofobia com a família. Por outro lado, nota-se a existência de uma estrutura escolar gordofóbica, violenta, excludente e não acessível aos corpos maiores (Paranhos; Jimenez-Jimenez, 2023).

A relação que a família estabelece com o(a) adolescente é importante para o desenvolvimento de uma autoimagem positiva, no entanto, Zanello, Richwin e Birck (2024) descreveram situações de discriminação em relação ao corpo gordo no ambiente familiar, sendo a figura materna a principal agenciadora de comentários gordofóbicos às filhas mulheres. Menezes, Ferreira e Melo (2020) mencionam, semelhantemente aos dados deste estudo, que uma participante era chamada de

gorda e tinha sua alimentação controlada pela avó; outra recebia comentários do pai de que nunca iria arrumar um namorado e seria trocada por uma mulher magra.

Os padrões de beleza e estética exercem grande influência na forma em que os(as) adolescentes percebem seus corpos, a insatisfação corporal, o desejo pelo emagrecimento e a falta de rede de apoio social, familiar e escolar podem desencadear comportamentos disfuncionais e transtornos alimentares (Ferreira; Andrade, 2020). Viver com um corpo gordo e não se reconhecer na condição de alguém “desejável” resultou em situações desagradáveis e sentimentos considerados ruins: “Ter espelho e se olhar e ver alguém que nem mesmo você próprio desejaria é bem ruim, principalmente no momento da adolescência em que você começa a se sentir atraída por outras pessoas e não é recíproco” (P8, 2019).

A frustração esteve presente por, muitas vezes, o emagrecimento não ser bem-sucedido ou como esperado:

Eu acreditava que o meu corpo gordo era algo ruim e que eu só seria feliz e completa com um corpo magro, porém eu não conseguia esse corpo, logo eu me sentia uma pessoa sem força de vontade, sem auto estima e constantemente insatisfeita e incompleta (P9, 2019).

O estudo de Souza e Gonçalves (2023, p.248) demonstra que a insatisfação com o corpo e a busca/desejo pelo emagrecimento estão presentes na adolescência, independentemente do gênero “[...] há uma preferência unânime quanto ao corpo magro, como sendo o mais ideal, o mais cobiçado, o mais bonito, e que, para se sentir bem com o corpo, deve-se estar magro”. Nesse contexto, considera-se que ser um(a) adolescente gordo(a) pode influenciar na vivência da sexualidade.

4 Vivências da Sexualidade como um(a) adolescente gordo(a)

Ser gordo(a) influencia na sexualidade para 85,7% dos(as) participantes da pesquisa. Essa associação foi considerada “relativa” para 9,5% e 4,8% “não acreditam” na existência dessa relação. De modo similar, 92,8% considerou que a experiência da sexualidade na adolescência com um corpo gordo foi percebida como “negativa” e 7,1% entenderam como “neutra”.

As justificativas para essa influência considerada ruim relacionaram-se às consequências na vida afetiva e sexual. A pessoa gorda nem sempre é visualizada enquanto parceiro(a) desejável (Jimenez-Jimenez; Silva, 2021; Franco; Vieira;

Oliveira, 2022) e estigmas como a “dessexualização”, “fetichização” e “animalização” caracterizam a vivência de sua sexualidade,

Porque existe uma certa ‘dessexualização’ da pessoa gorda, como se as pessoas não enxergassem a pessoa gorda como dotada de sexualidade, desejo e alvo de afetividade pra concretizar esse desejo. Vejo que a galera gorda fica muito a margem, é muito mais difícil viver a sexualidade. E quando somos sexualizados é algo muito fetichizado e quase que animalizando a gente (P17, 2019).

Novamente, sofrimentos foram relatados pelo julgamento moral em precisar “se esforçar” para ser magro(a): “Isso já me deixou muito triste e desmotivado comigo mesmo. Não foi um processo saudável e precisei de muito esforço para me desvincular desse ideal de ‘pessoa padrão’ magra” (P4, 2019).

A gordofobia foi apontada como principal “causa” da repressão e deturpação da sexualidade e imagem da pessoa gorda,

Por que como a sociedade que estamos inseridos é gordofóbica a construção da imagem a respeito do corpo e a expressão deste, bem como a expressão de sua sexualidade são reprimidas e deturpadas por padrão socialmente aceito (P6, 2019).

Através do exposto, é possível refletir sobre a representação de corpos gordos como “assexuados” e “dessexualizados”, ao mesmo tempo que “objetificados”, passíveis de serem comparados a animais e terem sua característica física, decorrente da gordura, como fonte de fetiche, desejo e prazer. Questiona-se ainda, o motivo que leva as pessoas a desejarem o “corpo gordo”, e, ao mesmo tempo, não os assumirem publicamente como sendo possíveis parceiros(as) afetivos. Nessa perspectiva, Jimenez-Jimenez (2020, p. 359) afirma que “[...] corpos estigmatizados socialmente em público se tornam propulsores de prazer quando estão no privado, longe dos olhares e juízos socialmente impostos”.

Ademais, Franco, Vieira e Oliveira (2022) descrevem a desumanização de mulheres gordas, ao serem humilhadas e comparadas com animais, como, por exemplo, ser chamada de “vaca gorda” por um parceiro. Zanello, Richwin e Birck (2024) destacam em sua pesquisa que a objetificação sexual acontece na medida em que as mulheres gordas experienciam o sexo “casual” e “sem compromisso”. Contudo, apesar do envolvimento sexual, essas mulheres não são reconhecidas ou escolhidas para relacionamentos amorosos, o que gera apenas expectativas em torno de um possível namoro.

A percepção pessoal dos(as) participantes sobre a qualidade geral de suas vivências sexuais enquanto adolescentes foi classificada em “desagradável” para 28,5%, “complicada” 26,2%, “mediana” 23,8%, “tranquila” 14,3% e “prazerosa” 7,1%. Ao compilar os dados considerados positivos, como a sexualidade “tranquila” e “prazerosa” verificou-se a prevalência apenas de 21,4%, ou seja, a maioria dos(as) respondentes não considerou suas vivências sexuais como “boas”.

Ser gordo(a) representa ter um corpo que foge ao padrão estético social e não desperta desejo sexual causando limitações, como a possibilidade de “tirar a roupa”, “flertar”, vivenciar um romance e explorar a sexualidade: “Não nos vemos representados como corpos desejáveis, não temos a mesma liberdade em tirar a roupa e mostrar o corpo, explorá-lo, mesmo flertar ou romance nos é difícil” (P25, 2019).

Uma situação comum entre o grupo de amigas foi pontuada por uma de nossas participantes:

Pessoalmente, sempre tive dificuldades em lidar com meu próprio corpo, de não me achar desejável e meio que isso sempre se confirma quando saio com minhas amigas magras e elas são geralmente os alvos de atração de outros, sendo que eu não (P8, 2019).

Lidar com a “concorrência” de ver suas amigas consideradas “atraentes” e “magras” serem mais facilmente escolhidas para possíveis envolvimento amorosos reforça a convicção de “não ser desejável”. O contexto é semelhante ao mostrado na pesquisa de Zanello, Richwin e Birck (2024, p.12) “Foi comum o relato de sair com as amigas e todas serem abordadas amorosa e sexualmente por um rapaz, com exceção delas [as gordas] [...]”.

A discriminação social e a representação de um corpo “não atrativo”, causador de “repulsa” também levaram à experiência de uma sexualidade reprimida, marcada pela crença de não poder sentir prazer ou de não merecer uma relação afetiva,

A pessoa gorda sofre diversas discriminações ao longo da adolescência e vida adulta, eu mesmo não tive quase nenhuma vivência sexual na adolescência e mesmo falando com diversas pessoas não conseguia me relacionar por uma discriminação referente ao padrão corporal (P4, 2019).

A vulnerabilidade dos jovens gordos é muito maior do que aqueles que são magros ou simplesmente estão nos padrões sociais. Desta forma muitas vezes existe uma repulsa por parte do outro imaginar uma pessoa gorda tendo prazer, sendo necessário reprimir tais expressões (P1, 2019).

Na minha vivência na escola, colegas e família eu sentia a todo momento que tentavam controlar a minha relação com o meu corpo sempre depreciando ou inferiorizando. [...] Tinha algumas amigas na escola e no meu bairro, entretanto percebia que as meninas não se atraíam tanto por mim, mas que se atraíam por outros meninos que tinham um porte mais atlético, eram mais seguros. Acho que 'eh' uma questão social de preconceito do corpo gordo e que também da minha parte de não achar que alguém iria gostar de ter alguma relação mais afetuosa comigo, que se sentiria bem em estar junto comigo (P6, 2019).

A literatura indica existir uma melhora no desempenho sexual de pessoas gordas após a cirurgia bariátrica, sendo um dos indicadores a diminuição do peso, melhora na autoestima e diminuição da vergonha no ato sexual (Granero-Molina *et al.*, 2024; Lima; Silva; Farias, 2023). Os resultados da pesquisa de Franco, Vieira e Oliveira (2022) refletem sobre a ideia de que, ao conquistarem a magreza as mulheres seriam “belas” e estariam aptas e capacitadas a alcançar um ideal de relacionamento, isso representado pela figura do “homem perfeito”: “[...] enquanto magras e belas, serão capazes de vivenciar sua sexualidade, seja pela expectativa de sentir desejo sexual, seja pela reprodução de símbolos atrelados à sexualidade” (Franco, Vieira, Oliveira, 2022, p. 08).

Os(as) jovens também sinalizaram o modo como as primeiras experiências sexuais aconteceram durante a adolescência. Desses(as) 45,2% iniciaram essas experiências em um contexto de envolvimento afetivo-amoroso, 40,5% em situações consideradas “neutras”, ou seja, sem a presença de afeto e 14,3% apontaram que suas primeiras relações sexuais foram “violentas”, embora não tenham fornecido detalhes sobre o tipo de violência a que se referiam (psicológica e/ou física).

A violência nos relacionamentos afetivos e sexuais tem sido um problema de saúde pública mundial, quase sempre relacionado às questões de gênero. Costa e Costa (2015) indicam que grande parte dos homens adultos que comentem violência sexual iniciaram esses comportamentos no período da adolescência, quando há grande vulnerabilidade dessa parcela da população para se tornarem agressores ou vítimas. Acerca dessas informações, Godoi e Neves (2012) analisaram representações de corpo, tais como: raça, “obesidade”, beleza, além de violência sexual por meio do filme *Preciosa: uma história de esperança* (2009). Os autores realçaram questões sobre a vulnerabilidade da personagem principal, uma menina negra e gorda, que sofria violência sexual do pai em casa e outras violências em outros contextos.

Jimenez-Jimenez e Silva (2021, p.329) esclarecem como a culpabilização recaí sobre as pessoas gordas, para as autoras: “Passamos a cultivar culpa, medo e vergonha por permanecermos com esse corpo que ninguém quer ter e nem querem que tenhamos”. Todo esse contexto gera insegurança e baixa autoestima e influencia para que a pessoa tenha medo de se relacionar com pares e outros(as),

Teoricamente ser gordo não te impede de realizar nenhum ato sexual, porém seu psicológico sim, se você quer iniciar alguma atividade dessa e estiver se sentindo ‘inseguro’, isso te impedirá de se sentir confortável até para negar consentimento (P17, 2019).

Enquanto pessoa gorda, já vivenciei situações desagradáveis como *bullying* e comentários agressivos diretamente relacionados ao meu peso, afetando diretamente minha sexualidade, me fazendo não expor ela por vergonha e insegurança (P6, 2019).

Essa vivência me possibilitou crescer com certa insegurança, de tirar a camisa quando estava muito calor, sentia vergonha de mostrá-lo em público. Lembro sempre das piadas com relação aos meus peitos e a barriga. A imagem que tinha do meu corpo era de repugnância mesmo. Acredito que isso me deixava inseguro com minha auto-estima e de me relacionar com outras pessoas (P4, 2019).

Em relação às dificuldades enfrentadas nesse processo, 69% dos(as) participantes relataram lidar sozinhos(as) com os desafios em relação à própria sexualidade. 23,8% contaram com o apoio de amigos(as), 4,7% procuraram apoio de profissionais da saúde e 7,14% julgaram não ter dificuldades em relação à vivência da própria sexualidade. Importante destacar que um participante relatou a não existência de dificuldades por ter se relacionado com uma pessoa gorda como ele durante a adolescência, o que pode indicar a importância da representatividade e da identificação com corpos semelhantes.

Menezes, Ferreira e Melo (2020) mencionam algumas estratégias utilizadas por mulheres gordas em situações consideradas difíceis, atreladas à estética e aparência de seus corpos. Para elas, enfrentar e lidar com situações desrespeitosas envolve adotar a estratégia de “seguir em frente”; outras relatam que utilizaram “bom humor” ou “deboche” como mecanismos de enfrentamento.

5 Considerações Finais

Os dados obtidos desvelam questões importantes para pensarmos algumas relações entre corpo gordo, padrões de beleza e sexualidade. Há certas peculiaridades na vivência da sexualidade de uma pessoa gorda, no modo com que,

no geral, ela se sinta desprovida desse direito. Muitas vezes, por ser estigmatizada e ensinada a lidar com seu corpo de maneira “problemática”, ou até mesmo pelo impedimento social, o qual é internalizado e manifestado por dificuldades, sofrimentos ou superações.

Identificamos uma grande influência do meio social, mídias e padrões hegemônicos sobre o desenvolvimento da autoimagem na concepção do próprio corpo como gordo, assim como para criar o desejo de emagrecimento nos(as) participantes. A própria percepção de ser alguém gordo foi relatada por indicadores de uma subjetividade que representa modelos sociais oriundos de instâncias sociais poderosas como a família, escola e a mídia. Outrossim, os sentimentos atrelados a esse corpo considerado desviante são de desajuste, culpa e tristeza. Observa-se que muitos(as) participantes relataram terem se sentido discriminados(as) em certos momentos do ciclo vital, experienciando sentimentos ruins que acabaram lidando sozinhos(as), sem rede de apoio. A esse respeito, é preciso investir na prevenção, que rompe com padrões de uma estética magra e universal, como também no acolhimento e atendimento em saúde mental.

Em relação à sexualidade da pessoa gorda, a maioria dos(as) participantes julgou uma vivência sexual desagradável ou complicada, ressaltando a complexidade da expressão da sexualidade, quando se tem um corpo estigmatizado pela “diferença” na estética. As contradições sobre as dificuldades (ou não) nas vivências sexuais e amorosas nos revelam como houve momentos prazerosos, mas também preconceitos, discriminação e a insegurança com o(a) parceiro(a). Mais uma vez, a carência de uma base de apoio para lidar com dificuldades sexuais também evidencia um despreparo externo (da família e da escola, por exemplo) para acolher as dúvidas e angústias destes(as) adolescentes. Visto que a maioria considera a iniciação sexual e amorosa desagradável, podendo implicar em sentimentos de deslocamento e não-pertencimento.

Ressalta-se também que os relatos evidenciam uma percepção de uma problemática vivenciada no âmbito pessoal. No entanto, acreditamos que essa questão extrapola a experiência individual, pois reflete sobre o que toda a sociedade faz diante de um corpo considerado “desviante”, ao associá-lo a um padrão estético de beleza e saúde, impondo essa visão de modo hegemônico, na contramão de uma sociedade inclusiva.

De modo geral, conclui-se que os dados ressaltam o importante papel da dimensão social na construção da autoimagem que podem trazer consequências subjetivas e perdurar ao longo da vida mesmo com experiências ressignificadas. Cabe frisar que o estudo tem limites na amostra, por se tratar de jovens universitários(as), majoritariamente pessoas brancas, letradas, classe média, cisgêneras, entre outros fatores considerados “positivos” à sociedade. Além disso, sugere-se que o assunto seja explorado em entrevistas mais aprofundadas e em outros estudos que considerem outras dimensões analisadas, visando, por exemplo, em um sentido estrutural, o princípio de interseccionalidade. Nessa linha, mais que a soma de características de corpos excluídos, a interseccionalidade é entendida como um eixo estruturante que, segundo Akotirene (2020), vai além de hierarquizar ou somar identidades, mas reorienta os significados subjetivos desses corpos por serem experiências modeladas por repetidas estruturas opressoras.

Salienta-se, ainda, que pesquisas futuras podem aprofundar a análise das questões de gênero, raça, classe, além de outras variáveis que ajudem a elucidar o contexto apresentado e colaborar para propostas de intervenção em Educação Sexual, políticas públicas ou outros serviços de atenção a esta população. Espera-se com a divulgação dos dados colaborar na discussão sobre os mecanismos sociais que reproduzem os padrões estéticos, ao reforçar o corpo magro como “normal”, e produzem diferenças, além de sofrimentos de ordem emocional e sexual.

Em suma, é necessário políticas públicas e intervenções continuadas que legitimem a diversidade das pessoas de maneira crítica, não só para os aspectos biológicos, mas também sociais. Por isso, atuação preventiva em ações sistematizadas de educação sexual junto às escolas, para o enfrentamento à gordofobia e outras formas de exclusão, são práticas fundamentais no combate à problemática apresentada.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. S. *et al.* Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 23, n.15, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/34502>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020, 152p. (Coleção Feminismos Plurais).
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. 5. ed. rev. e atual. Lisboa Portugal, Editora 70, 2020.
- BLACK, T. L. P. *et al.* Representações sociais dos adolescentes sobre o corpo: revisão sistemática de estudos qualitativos. **Ciê. Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 30, n. 04, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/6RrWgCnNYmPzLQX5vN9QhSd/?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2026.
- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 63-76, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/LJkJzRzQ5YqbmhcnkKzVq3x/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- BOMBAK, A. Obesity, health at every size, and public health policy. **American Journal of Public Health**, [S. l.], v.104, n. 2, p. 60-67, 2014. Disponível em: <https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.2013.301486>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- BORTOLOZZI, A. C. **Sexualidade e deficiência: uma releitura**. Bauru: Editora Gradus, 2021.
- BORTOLOZZI, A. C. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo – manual didático**. 2. ed. rev. e aum. Araraquara: Padu Aragon, 2024.
- BOZON, M. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CARNIEL, G. P.; DIERCKS, M. S.; JUNG, N. M. A história de uma mulher negra e gorda: cotidiano, afetividade e sexualidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 33, p. 01-14, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/fKnxQTvHXThBCgh56k3HGZS/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2025.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. *E-book*, 717p. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Pensamento-Feminista-Conhecimento-Consci%C3%Aancia-Empoderamento/dp/8575597078>. Acesso em: 11 jan. 2026.

COSTA, T. G.; BORTOLOZZI, A. C. **Sexualidade e o corpo gordo**. São Carlos: Pedro e João, 2022.

COSTA, B. N. S.; COSTA, L. F. Relação afetivo-sexual e violência em adolescentes que cometeram abuso-sexual. *In*: MURTA, S. G.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; DINIZ, G. R.S. (org.). **Violência no namoro**: estudos, prevenção e psicoterapia. Curitiba: Appris, 2015. p.141-156.

DIAS, B. F. *et al.* Obesidade infantil e adolescente e saúde mental: impactos e fatores psicossociais. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 6, n. 7, p. 3102–3109, 2024. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/2756>. Acesso em: 9 abr. 2025.

FERREIRA, C. S.; ANDRADE, F. B. Tendência de atitudes extremas em relação ao peso em adolescentes e sua relação com suporte familiar e imagem corporal. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 25, p. 1599-1606, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/7qb5QkwwwBz3vnpwHBSGnFH/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

FRANCO, S.; VIEIRA, C. M.; OLIVEIRA, M. R. M. Objetificação da mulher: implicações de gênero na iminência da cirurgia bariátrica. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 30, p. e79438, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/dSz7yBPb9sHPD7KZ3dH87SG/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FORSTER, L. J. *et al.* Mental health in children and adolescents with overweight or obesity. **BMC Public Health**, [S. l.], v. 23, p. 135, 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9849834/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

GODOI, M. R.; NEVES, L. Body, sexual violence, vulnerability and liberation education in the film “Precious: based on the novel ‘push’ by sapphire.” **Interface**, [S. l.], v.16, n. 41, p. 409-21, 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GRANERO-MOLINA, J. *et al.* Sexuality and self-concept of morbidly obese women who are sexually attracted to men after bariatric surgery: a phenomenological study. **BMC Women’s Health**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 1–10, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10936016/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

HATTORI, W. T.; CASTRO, F. N.; LOPES, F. A. Escolha de Parceiro na Adolescência: Idealizando Parceiros Românticos. **Psico**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 226-234, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5631470>. Acesso em: 16 abr. 2025.

HESSEL, B. R. C. C. B. A.; FURTADO, I. M. C. G. A influência do padrão de magreza para a mulher na contemporaneidade. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 75–85, 2019. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2098>. Acesso em: 20 mar. 2025.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 15, n. 31, p. 346-361, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/csonline/article/view/30592>. Acesso em: 31 mar. 2025.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; SILVA, M. J. Feminismo Gordo: sexo, desejo e prazeres revolucionários. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 322–335, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/54089>. Acesso em: 23 abr. 2025.

LIMA, A. S. *et al.* Comportamentos sexuais de risco e associação com sobrepeso e obesidade em adolescentes escolares: um estudo transversal. **Einstein**, São Paulo, v. 17, n. 03, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/gXnyTNYq6XGpcmYCMYs3kPf/?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2026.

LIMA, C. T.; RAMOS-OLIVEIRA, D.; BARBOSA, C. Aspectos sociocognitivos da obesidade: estereótipos do excesso de peso. **Psicologia, saúde e Doenças**, Lisboa, v.18, n.3, p. 681-698, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/362/36254714005.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2026.

LIMA, E. S.; SILVA, T. B.; FARIAS, C. R. L. Evaluation of sexuality of obese patients before and after bariatric surgery: an integrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 5, p. e8112541507, 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/41507>. Acesso em: 10 apr. 2025.

MENEZES, C. F. J.; FERREIRA, R. L. P.; MÉLO, R. S. “Imagina ela nua!”: experiências de mulheres que se autodeclararam gordas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zFY8HjQdg4CmsSXBmzYp6zS/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025

MAURY MENA, S. C. *et al.* Social stigma of overweight and obesity in primary school children: a systematic review. **Revista de Investigación e Innovación en Ciencias de la Salud**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 1-39, 2025. Disponível em: <https://riics.info/index.php/RCMC/article/view/268>. Acesso em: 16 abr. 2025.

OLIVEIRA, A. G. S. de *et al.* Comportamento sexual de risco entre adolescentes escolares do Piauí: prevalência e fatores associados. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S. l.], v. 24, n. 6, 2024. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/15816>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ORTIZ-HERNANDEZ, L. *et al.* Estereótipos associados ao peso corporal: a perspectiva de adolescentes mexicanos. **Revista Polis e Psique**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 97-119, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/132405>. Acesso em: 20 abr. 2025.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. S. (org.). **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p.16-24.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2022.

PARANHOS, W. R.; JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. Por uma escola gordal: difrações a partir do ativismo e estudos do corpo gordo. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 75, p. 150-165, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/78800>. Acesso em: 20 mar. 2025.

RANGEL, N. F. A. **O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de Significados**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205904>. Acesso em: 11 jan. 2026.

PAIM, M. B.; KOVALESKI, D. F.; SELAU, B. L. Compreendendo o termo gordofobia médica a partir da perspectiva de pessoas gordas. **Saúde Doc**. São Paulo, v. 33, n. 1, 2024. Disponível em: https://revistas.usp.br/sausoc/pt_BR/article/view/224897/204370. Acesso em: 11 jan. 2026.

PEARL, R. L.; SHEYNBLYUM, M. How Weight Bias and Stigma Undermine Healthcare Access and Utilization. **Current Obesity Reports**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 1–11, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13679-025-00605-3>. Acesso em: 16 abr. 2025.

RODRIGUES, D. P. *et al.* Implicações do bullying na saúde mental de adolescentes obesos: revisão integrativa. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 25, n. 1, p.124-130, 2021.

RUBINO, F. *et al.* Joint international consensus statement for ending stigma of obesity. **Nature Medicine**, [S. l.], v. 26, p. 485-497, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-020-0803-x#citeas>. Acesso em: 16 abr. 2025.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ COLLADO, C.; BAPTISTA LUCIO, M. P. **Metodologia de Pesquisa**. Tradução Fátima Conceição Murad, Melissa Kassner, Sheila Clara Dystyler Ladeira. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 28, n. 1, p. 101-108, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013>. Acesso em 13. abr. 2025.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de Pesquisa em Pesquisa**. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. 9. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2012.

SILVA, S. R.; JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; SOUZA, S. H. V. Intersecções entre racismo e gordofobia para construção de uma educação antirracista e antigordofóbica. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 49, n. ed. especial, p. 900–917, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/79439>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SOUZA, V. C. S.; GONÇALVES, J. P. Gordofobia e Questões de Gênero na Perspectiva de Estudantes Pré-Adolescentes. **Revista FSA**, Teresina, v. 20, n. 1, p. 228–252, 2023. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/2499/491493708>. Acesso em: 20 mar. 2025.

VASCONCELOS, N. A.; SUDO, I.; SUDO, N. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Rev. Mal-Estar e Subj**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/1495>. Acesso em: 20 mar.2025.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250>. Acesso em: 17 jan. 2026.

ZANELLO, V.; RICHWIN, I. F.; BIRCK, M. D. O peso do gênero: diferenças da vivência da “gordidade” entre mulheres e homens. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 36, 2024. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652024000100400. Acesso em: 20 mar. 2025.

MINI BIOGRAFIA

Ana Cláudia Bortolozzi

Psicóloga. Doutora em Educação e Livre-Docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESec) e coordenadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação Sexual (LASEX). Docente na Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru–SP.

E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

Tamires Giorgetti Costa

Psicóloga. Mestra e Doutoranda (Bolsista CAPES) em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru–SP. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESec).

E-mail: tamires.giorgetti@unesp.br